

Usinas nucleares geram protestos em Itanhaém

A cidade de Itanhaém comemorava ontem mais um aniversário. E por ser ali mesmo, no litoral sul, que o governo pretende instalar oito usinas nucleares, a festa deixou de ser apenas um desfile de escolares e de bandas de música, para transformar-se na deflagração de um movimento contra o programa nuclear brasileiro.

Por isso, Itanhaém desta vez recebeu mais convidados do que o prefeito e as autoridades locais. Ali compareceram o deputado Horácio Ortiz, o secretário estadual de Obras e Meio Ambiente, Sílvio Fernandes Lopes, o secretário federal do Meio-Ambiente, Paulo Nogueira Neto, o senador Evandro Carreira, artistas defensores da ecologia e o físico nuclear Mário Schemberg e o ecólogo José Lutzemberger.

Mas, ao mesmo tempo em que os defensores do meio ambiente declaravam aberta a guerra contra a instalação de usinas nucleares no País, as autoridades da cidade entregavam medalhas de cidadão itanhaense, em homenagem "aos que se destacaram na defesa da ecologia". E, desta forma, os secretários de Estado puderam explicar sua participação nas comemorações, esquivando-se de qualquer crítica ao projeto nuclear brasileiro.

Para receber uma medalha, até mesmo o embaixador da União Soviética, Dimitri Jukov, passou por momentos delicados quando, procurado pela imprensa para falar sobre o programa nuclear, desculpou-se, dizendo que "não podia interferir nos assuntos internos de outro país".

Mas foi praticamente impossível que Jukov deixasse de ouvir os recados, através de seu intérprete, que o contundente Lutzemberger lhe enviava:

"A energia nuclear é uma poderosa arma que abre novas dimensões de perigo nunca antes suspeitadas. Tanto o lado comunista quanto o capitalista nos expõem a esse perigo, a nova função de dominação da qual o dominado nem sequer suspeita." E ao final da cerimônia, de forma direta e incisiva, dirigiu-se ao próprio embaixador soviético: "Espero que em breve, reuniões como essa sejam possíveis na União soviética."

"IMORALIDADE"

Para Lutzemberger, o programa nuclear é uma imoralidade. Para explicar essa tese, o ecologista diferencia alguns tipos de acidentes: "todo tipo de tecnologia oferece perigo. Um avião pode cair e matar centenas de pessoas. Mas esses perigos são localizados no espaço e no tempo. Se acontecer um acidente nuclear (não do tipo que aconteceu nos Estados Unidos, que foi um quase-acidente), o desastre não vai

estar limitado nem no espaço nem no tempo. Serão dezenas de milhares de pessoas afetadas, gerações inteiras marcadas pela consequência da radioatividade. Essas consequências atingirão dezenas de gerações, afetarão um futuro de não menos de 500 mil anos."

Civilizações remotas, segundo o ecólogo, ainda estarão sentindo os efeitos de um desastre nuclear, e essas civilizações vão pagar o preço de nossos erros.

"E agora vocês estão chegando perto da imoralidade dessas usinas" — explicou Lutzemberger. — "Um grande desastre nuclear numa grande região significará perda definitiva da pátria durante centenas, milhões de anos. Em nome das orgias absurdas e momentâneas dessa obscena sociedade de consumo em que vivemos, nós comprometeremos todas as gerações futuras. E se isso não é imoral, eu não sei o que é imoral".

Mesmo que não haja nenhum acidente, nenhuma falha técnica ou humana, Lutzemberger explica que a operação rotineira das usinas liberará constantemente uma certa dose de material radiativo, como o criptônio, o estrôncio, o trício. E o organismo humano, segundo o ecólogo, não tem sensibilidade para sentir seus efeitos a curto prazo, como acontece com a poluição provocada pela chaminé das fábricas, pela gasolina dos automóveis.

"E há outros materiais tão perigosos, que para se ter uma simples ideia, uma partícula microscópica de plutônio no pulmão e o indivíduo estará inevitavelmente contaminado com câncer. No caso de um acidente, a liberação de plutônio numa quantidade equivalente ao tamanho de uma laranja seria suficiente para destruir toda a humanidade".

"FALSA SEGURANÇA"

O Senador Evandro Carreira, do MDB do Amazonas, que participa da CPI do Senado destinada a averiguar os problemas causados pelo programa nuclear, um dos mais aplaudidos pelo que assistiam à solenidade, declarou:

"Estamos querendo implantar usinas nucleares no litoral brasileiro, enquanto nem ao menos esgotamos nosso parque hidrelétrico, porque estamos querendo brincar com fogo. E as grandes potências ainda estão querendo descobrir os seus segredos, pois tudo ainda consiste em experiência. E nós, infantilmente, estupidamente, num lance de menino que quer brincar de metralhadora, pretendemos nos apoderar de um segredo sobre o qual não temos conhecimento. Intuiremos-nos desses problemas, des-

sas consequências catastróficas que a implantação de usinas nucleares poderão provocar, para ver se conseguimos jogar esta bomba em outro lugar".

O físico nuclear Mário Schemberg, com sua figura de longos cabelos brancos que lembra a Einstein, revelou perante uma plateia atenta e assombrada:

"Estamos vivendo um momento de grande gravidade para toda a história do século 20. Durante muitos anos, nós nos preocupamos apenas com o perigo das armas nucleares e não houve preocupação com os reatores nucleares. Até aqui, vivemos um período de falsa segurança. Vários países afirmavam que os reatores eram muito seguros. Através de cálculos misteriosos, eles nos apresentavam provas obscuras da quase impossibilidade de acidentes. Com o ocorrido na usina nuclear dos Estados Unidos, essa tese caiu por terra".

E continuou: "O Japão desativou sua usina depois deste fato. A Alemanha paralisou seus projetos de implantação de usinas nucleares. E nós continuamos nosso programa. Será que vamos ser as cobaias dos projetos desenvolvidos pela Alemanha? Também não posso entender porque essa fúria em instaurar usinas nucleares no Brasil. A não ser que existam programas militares que desconhecemos e que extrapolam as razões da necessidade de mais energia. Temos ainda muito potencial hidrelétrico para explorar.

Apesar de não ser o único tipo de energia existente, a hidrelétrica ainda tem a vantagem de ser a mais econômica. A nuclear vai custar três vezes mais e vai levar o País a um atraso econômico. Em função dos gastos que estamos fazendo, já está havendo atraso em Itaipu e isto está custando 1,3 bilhão de dólares de prejuízo. Além do mais, vamos dobrar nossa dívida externa. Trata-se de uma loucura total. É preciso uma reação popular enérgica de todo povo brasileiro para que o Governo brasileiro tome medidas como as da Alemanha, suspendendo o programa, até que se conheçam melhor os seus perigos, para que o Brasil não seja levado a um desastre incrível. Espero que entre um raio de luz na cabeça de nossos governantes".

Ao final da solenidade, muitos ecologistas lembraram que a luta desencadeada ontem contra o programa nuclear era muito mais do que a preocupação de defensores do meio ambiente. Era a defesa da vida e do respeito à pessoa humana. E citaram o artigo 3.º da Declaração Universal dos Direitos do Homem: "Todo homem tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal".